

OU SOU NINGUÉM OU SOU UMA NAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E ALTERIDADE

Simone Conti de Oliveira¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo propor uma análise das obras “*A fantástica vida breve de Oscar Wao*”, de Junot Diaz, e “*O álbum negro*”, de Hanif Kureishi, a qual privilegiará a representação de sujeitos em diáspora e questões como violência, ideologia, diversidade, identidade e alteridade, a partir da relação entre Literatura Comparada e Estudos Culturais. Para tanto, este trabalho fundamenta-se em teóricos como Bauman (1998), Foucault (1994), Harvey (1992), Said (1990), entre outros.

Abstract: This article aims to propose an analysis of the works "*The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*" by Junot Diaz, and "*The Black Album*" by Hanif Kureishi, which focus on the representation of individuals on the Diaspora and issues such as violence, ideology diversity, identity and otherness, from the relation between Comparative Literature and Cultural Studies. Therefore, this work is based on theoretical and Bauman (1998), Foucault (1994), Harvey (1992), Said (1990), among others.

O ser humano, ao produzir literatura, deixa nas obras marcas da sociedade em que vive. Esse pensamento talvez tenha sido o combustível que impulsionou Junot Díaz, escritor de origem dominicana, professor de redação criativa no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e ganhador do Prêmio Pulitzer de ficção no ano de 2008, a escrever *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, romance americano que retrata uma sociedade permeada por conflitos: linguístico, de gêneros, de identidades e da ordem.

Segundo Barthes (1977), a língua, por seu caráter classificatório, é um “lugar de poder”. Portanto, admitindo que cada indivíduo faz uso da sua competência linguística e que esse fato é determinado por sua condição sócio-histórica, não é possível dissociarmos o uso da língua de questões como poder, influência e ideologia. Nesta obra, a língua é percebida enquanto identidade por um viés cultural e identitário.

O *Spanglish* - nome que se dá ao dialeto utilizado informalmente nos Estados Unidos da América entre os descendentes de imigrantes ou imigrantes de países latino-americanos – língua utilizada pelas personagens - mostra o

¹ Especializanda em Literatura Comparada - Universidade Federal de Pelotas – PPGL/UFPEL. E-mail: simone_honey@hotmail.com.

conflito linguístico observado entre espanhol e inglês, originalmente, (espanhol e português no caso da tradução adotada) pode ser identificado nos diversos enunciados em que as duas línguas dividem espaço. A saber:

Os agentes do serviço secreto se esqueceram de contar para ele o que todo dominicano, do mais rico jabao de Mao ao mais pobre güey de El Buey, do mais velho anciano sanmacorisano ao menor carajito de São Franscico já sabia: quem quer que matasse Trujillo sujeitaria a família a um fukú tão atemorizante, que o experimentado pelo Almirante viraria jojote em comparação (DÍAZ, 2009, p.13).

Esta comunidade de imigrantes dominicanos preserva a mistura linguística como uma forma de manter vivas as ao que se chamam identidades hifenizadas – dominicano-americana – ou seja, que mesclam etnias de diferentes países. Em *A fantástica vida breve de Oscar Wao* a língua é elemento fundamental, pois mostra que a identidade dos personagens é híbrida e que reflete identidades diaspóricas caribenhas em relação aos Estados Unidos da América. Dessa forma, esta obra pode ser lida como um romance pós-colonial de constituição de identidade e de construção de linguagem.

No que se refere ao protagonista do livro, Oscar Wao, este transita (mal!) por esse mundo de hibridismo cultural, do contato entre culturas do qual resulta uma terceira (diferente das anteriores), uma vez que a tensão entre essas duas culturas, americana e dominicana, é algo que ele não consegue resolver. Oscar está perdido no “entre-mundos”, no “entre-lugar”, definido por Bhabha (1998) como local onde “a diferença não é nem o Um nem o Outro, mas *algo além, intervalar*”.

É possível perceber um impasse, uma tensão da parte de Oscar com relação a este “não pertencimento”, devido ao fato de ele não ser completamente aceito nem por uma cultura, nem por outra; é como se o protagonista vivesse num limbo, no qual só os elementos *pop* da cultura estadunidense fizessem sentido.

Há que se destacar a pressão sofrida por Wao da parte de todos os personagens da obra por este ser incapaz de se portar conforme esperado de um rapaz tipicamente dominicano, como, por exemplo, em:

Em qualquer parte, seu escore zero com as gatas teria passado despercebido, mas acontece que estamos falando de um garoto dominicano, de família dominicana: o cara tinha que dominar o jogo no nível atômico, ter legiões de mulheres gostosas loucas por ele. Todos notavam a sua falta de ginga e, como eram dominicanos, sempre tocavam nesse assunto (DÍAZ, 2009, p.32).

No que diz respeito à diáspora, da qual fazem parte os elementos que figuram na narrativa, conforme definição do dicionário Aurélio, denomina-se desta forma a “dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos, em virtude de perseguição de grupos dominadores intolerantes”. Vale ressaltar que são característicos da diáspora indivíduos com identidades fragmentadas, em conflito, que ocupam “a fenda”.

A respeito destes sujeitos e seu lugar, Bhabha (1998, p.19) esclarece que estes estão situados num além, “trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”, já que encontram-se isolados e segregados por fugirem dos padrões eleitos como normais pela sociedade.

No tocante à identidade e diferença, é importante lembrar que tanto uma quanto outra existem a partir das relações sociais. A esse respeito, Silva (2000, p.81) evidencia que “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”, uma vez que onde há distinção, existe hierarquia e estão estabelecidas relações de poder.

De acordo com Zygmunt Bauman, em seu livro *O mal-estar na pós-modernidade*, o que diferencia a relação da sociedade moderna com os sujeitos oriundos das diásporas da relação que há hoje na pós-modernidade é o fato de na sociedade atual existir grande dificuldade em localizar fixamente esses sujeitos:

A diferença essencial entre as modalidades socialmente produzidas de estranhos modernos e pós-modernos é que, enquanto os estranhos modernos tinham a marca do gado da aniquilação, e serviam como marcas para a fronteira em progressão da ordem a ser constituída, os pós-modernos, alegre ou relutantemente, mas por consenso unânime ou por resignação, estão aqui para ficar. [...] Se eles não existissem, teriam de ser inventados. (BAUMAN, 1997, p. 43).

Em relação ao pós-modernismo, David Harvey o explica como reflexo de uma sociedade caracterizada pela diferença e fortalecimento do espaço urbano. Conforme este autor:

O pós-modernismo também pode ser considerado algo que imita as práticas sociais, econômicas e políticas da sociedade. Mas, por imitar facetas distintas dessas práticas, apresenta-se com aparências bem variadas. A superposição, em tantos romances pós-modernos, de diferentes mundos entre os quais prevalece uma “alteridade” incomunicativa num espaço de coexistência tem uma estranha relação com a crescente favelização, enfraquecimento e isolamento da pobreza e das populações minoritárias no centro ampliado das cidades britânicas e norte-americanas.

Não é difícil ter um romance pós-moderno como um corte transversal metafórico das paisagens sociais em fragmentação, das subculturas e modos locais de comunicação de Londres, Chicago, Nova Iorque ou Los Angeles (HARVEY, 1992, p.109).

Em se tratando da identidade contemporânea do indivíduo, pode-se defini-la como variada, inconstante, fragmentada. A esse respeito, Stuart Hall esclarece ser essa segmentação marca da pós-modernidade, da qual faz parte uma crise da identidade. Segundo o autor:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2004, p.13).

Na construção das identidades encontradas em *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, o sexo é questão de cultura e sobrevivência, e é essa angústia do ser masculino e do ser dominicano que acometem o protagonista da obra.

Na política de construção dos gêneros dessa sociedade o homem exerce poder sobre as mulheres por meio do sexo, o que não quer dizer que as mulheres sejam submissas, pelo contrário, já que estas sobrevivem à dominação masculina por serem capazes de contornar tal situação e usufruir dessa prática cultural.

Em *A fantástica vida breve de Oscar Wao* é possível perceber esse poder da parte das mulheres se compararmos suas condutas ao modo de agir

dos homens: o pai de Oscar e de Lola se acovardou e fugiu; o Gângster, do qual Beli foi amante, não fez nada para ajudá-la quando a jovem estava à beira da morte; Abelard não saiu do país com a família, apesar de Trujillo assediar de forma absolutamente direta a uma de suas filhas; Oscar não teve coragem de enfrentar o mundo real. Já as mulheres retratadas no texto enfrentam sua realidade: Beli sobrevive à violenta surra que leva a mando da esposa de Dionisio; La inca, a matriarca, é forte diante das provocações, das suas e de sua família; Lola se recupera das traições de Yunior e segue em frente.

O universo feminino da obra reflete muito da cultura latina pelo fato de as mulheres resolverem as questões por meio da religiosidade e lidarem com o sexo de forma mais natural e mais simples que os homens, cuja ideia de construção de identidade passa por uma cobrança muito forte no que diz respeito ao sexo, pois o dominicano tem que ser um “pegador”. Essa expectativa sobre o masculino é possível de ser percebida por intermédio das instruções passadas por Rudolfo a seu sobrinho Oscar:

Seu tio Rudolfo (apenas recentemente libertado em última instância na justiça e agora mais um morador da casa do León em Main Street) era muito generoso em seus ensinamentos: É o seguinte, palomo: pega una muchacha, y metéselo. Isso vai dar um jeito em *tudo*. Começa com uma baranga. Daí, coje esa fea y metéselo! Tío Rodolfo teve quatro filhos com três mulheres diferentes, então o cara era, sem sombra de dúvida, o morador especialista em metéselo da família (DÍAZ, 2009, p.32).

Em contrapartida, a mulher não pode ser “fácil”, ela tem de demonstrar que possui também atributos que lhe garantam condições de sobreviver, conforme é possível verificar a partir da fala de Beli:

Eu cozinhava, limpava, lavava, fazia compras, traduzia e escrevia cartas para o banco para explicar o atraso da hipoteca da casa. Tirava as melhores notas da sala de aula. Nunca aprontava, nem mesmo quando as morenas corriam atrás de mim com tesouras, por causa do meu cabelo meio liso. Ficava em casa e dava janta para o meu irmão e cuidava de tudo direitinho enquanto ela trabalhava. Criei Oscar e me criei (DÍAZ, 2009, p.64).

A respeito da sociedade descrita em *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, pode-se concluir que o poder dos homens passa pelo poder das

mulheres.

Ainda é importante destacar que um dos enfoques dos chamados estudos culturais é a representação de sujeitos excêntricos, isto é, dar voz a minorias, conforme esclarece Jitrik:

Así, se empieza a tratar no de la literatura que recoge referencial y simbólicamente cuestiones relativas a minorías sociales sino de las concretas minorías que están en situación en ciertas obras literarias, con la consiguiente denuncia acerca de lo que las obras, o sus autores, ocultan de eso mismo que presentan. Se trata, entonces, de sectores marginados de la sociedad, de grupos reprimidos, de sujetos sociales olvidados o aniquilados, indígenas, pobres, negros, miserables homosexuales, mujeres, etcétera. Una amplia tarea de justicia simbólica que remeda em ocasiones um juicio, reivindicativo por una parte, de los oprimidos, y condenatorio por la outra en el mismo acto, tanto de los opresores como, hermeneúticamente, de textos y autores (JITRIK, 2000, p.37).

É possível identificar por meio do multiculturalismo uma variedade de grupos marginais não homogêneos, dentro dos quais existem ainda subgrupos de minorias distintos entre si. Assim, pode-se pensar que a identidade cria um grupo de indivíduos unidos, porém separados; iguais, porém diferentes. Desta forma, os distintos elementos de cada grupo identificam-se como iguais por sua marginalização.

A experiência de estar à margem e as buscas desses grupos marginalizados pela aceitação de sua cultura e usufruto dos direitos comuns, são aspectos que os caracterizam como movimentos. De acordo com o sociólogo Andrea Semprini:

Uma segunda interpretação do multiculturalismo privilegia sua dimensão especificamente cultural. Ela concentra sua atenção sobre as reivindicações de grupos que não têm necessariamente uma base “objetivamente” étnica, política, ou nacional. Eles são mais movimentos sociais, estruturados em torno de um sistema de valores comuns, de um estilo de vida homogêneo, de um sentimento de identidade ou pertença coletivos, ou mesmo de uma experiência de marginalização. Com frequência é esse sentimento de exclusão que leva os indivíduos a se reconhecerem, ao contrário, como possuidores de valores comuns e a se perceberem como um grupo à parte (SEMPRINI, 1999, p.44-45).

No que tange as colocações sobre grupos excêntricos pertencentes à diáspora e sua busca por identidade, é importante lançar mão do comparatismo como forma de privilegiar o diálogo entre textos literários e outras áreas da expressão humana.

A literatura comparada admite inúmeras definições, entretanto, pela recorrência com que é encontrada em várias obras relativas à área, parece que a perspectiva utilizada por Henry Remak é das mais aceitas, por abarcar mais amplamente o assunto. Conforme o autor, literatura comparada é:

O estudo da literatura além das fronteiras de um país em particular, e o estudo das relações entre literatura de um lado e outras áreas do conhecimento e crença, como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música), a filosofia, a história, as ciências sociais (política, economia, sociologia), as ciências, as religiões, etc., de outro. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (CARVALHAL, 1998, p.74).

Dessa forma, além de pensar a realidade dos personagens retratados em *A fantástica vida breve de Oscar Wao* contribui também para o avanço deste estudo outra obra, *O álbum negro*, do escritor londrino, filho de mãe inglesa e pai paquistanês, Hanif Kureishi.

O romance inglês *O álbum negro* tem como protagonista Sharid Hasan, que, assim como os personagens de *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, busca por identidade. Oriundo de uma família sem crença religiosa, ele procura a religião muçulmana na tentativa de se reconhecer através de seu povo:

Naqueles dias, todos insistiam na questão da identidade. Todo mundo se dizia homem, mulher, gay, negro, judeu – exibindo com orgulho quaisquer características que pudessem reivindicar, como se deixassem de ser humanos, caso não exibissem um rótulo. Sharid também queria pertencer a seu povo. Antes, porém, precisava conhecê-lo, saber como havia sido seu passado e seus projetos para o futuro (KUREISHI, 1997, p.100).

Além dele, há ainda outro personagem também paquistanês, seu amigo Chad, no qual se percebe essa busca, como é possível inferir pelo diálogo a seguir, no qual Deedee conta a Sharid que Chad (ou Trevor Buss, que talvez

tenha preferido ser chamado de outra forma por aquele nome significar “batalha”), foi adotado por um casal branco, cuja esposa era racista:

Chad cresceu ouvindo sinos de igreja. Visitando Chalés ingleses, onde ingleses típicos levavam uma vida segura. Gente que não precisava se esforçar para se integrar naquele mundo. Você conhece o que Orwell diz da Inglaterra, certo? Leu os ensaios dele?”

“Não a fundo.”

“Deixa pra lá. A sensação de exclusão quase o levou à loucura. Queria explodir tudo.”

“Mas por quê? Por quê?”

“Quando chegou à adolescência, viu que não tinha raízes, nenhuma ligação com o Paquistão. Nem mesmo sabia falar a língua. Começou a freqüentar aulas de urdu. Mas, quando tentava pedir sal, em Southall, todos zombavam de seu sotaque. Na Inglaterra, os brancos o olhavam como se ele fosse roubar o carro deles, ou a bolsa, principalmente porque se vestia como um estrangeiro. No Paquistão, seria considerado um estrangeiro. Como se encaixaria numa teocracia terceiro-mundista? (KUREISHI, 1997, p.114).

Sharid, estudante de origem oriental fascinado pela efervescente Londres de 1989, mostra-se confuso em meio à desordenada cultura do ocidente, onde se perde entre o que é seu (paquistanês) e o que é do outro (ocidental).

Nesse sentido, pode-se pensar no conceito de alteridade, em reconhecer-se por meio do outro que é diferente, como modo de estabelecer uma identidade. A esse respeito, lembram Duschatzky e Skliar (2001, p.124) “necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicidade etc., e para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos”. Talvez essa busca em direção ao outro para encontrar-se tenha sido também a procura de Oscar Wao.

Nesta obra, pode-se verificar, assim como no romance de Junot Díaz - no qual imigrantes haitianos e chineses fazem parte da narrativa - a existência de outros grupos minoritários: indianos, árabes, tunisianos, argelinos e de outras etnias, porém em solo europeu.

Assim como Oscar, Sharid é fascinado por literatura e cultura *pop*, em especial pela música do cantor negro norte-americano Prince, e também habita, como o outro protagonista, com sua gente em uma espécie de fronteira,

um interstício, um gueto onde estão confinadas minorias por imposição econômica e/ou racial. A saber:

Notara em suas caminhadas pelo bairro, que as raças viviam separadas. Rapazes negros formavam uma turma, paquistaneses só freqüentavam a casa de compatriotas, bengaleses se reconheciam de longe, assim como os brancos. Isso valia até na ausência de hostilidade entre certos grupos – coisa rara, havia muita hostilidade, mesmo implícita. Sua mãe, por exemplo, adorava fazer comentários depreciativos sobre negros, chamando-os de preguiçosos. Já os brancos de classe média eram reverenciados por ela – havia pouca miscigenação. A situação mudaria? Por que deveria? Alguns indivíduos se esforçavam; mas o mundo não estava sendo dividido em tribos políticas e religiosas? As divisões eram tidas como naturais. Cada um com sua turma. E para onde essas divisões nos conduziriam, para tipos diferentes de guerra civil? (KUREISHI, 1997, p.141).

Ao contrário de Wao, personagem ensimesmado, solitário e trágico, pois não pode fugir de seu destino, o protagonista de *O álbum negro* tenta achar-se no convívio com outras pessoas, como seus amigos paquistaneses, seguidores da crença muçulmana e em busca por uma *jirad* purificadora (conceito essencial da religião islâmica entendido como a luta, mediante empenho pessoal, da busca e conquista da fé perfeita). Além de seus compatriotas, Sharid também convive com sua namorada e professora Deedee Osgood, definida na obra como um dos “tipos pós-modernos” da faculdade, e com as festas e drogas que ela apresenta a ele. Pessoas de mundos incompatíveis, as quais causam a Sharid a angústia de querer, mas não poder desfrutá-las simultaneamente.

A violência é outro fator presente nas duas obras. Em *A fantástica vida breve de Oscar Wao* a cultura é permeada pela violência. É possível perceber, por exemplo, que a ordem, que é violenta, é maior que a soma dos indivíduos: Beli apanha na ditadura de dois indivíduos, representantes do sistema e Oscar apanha após a ditadura, já na democracia, também de dois sujeitos, isto é, do sistema. O poder da ordem se mantém, as duas pessoas que surraram as personagens representam o papel instituído pela *performance* da violência, que não é abstrata, é concreta. No intuito de elucidar a dimensão real da violência cometida às personagens, é coerente exemplificar o espancamento de Beli:

Os grandalhões vinham batendo em Beli, de modo que o olho direito da moça inchara, abrindo um corte pernicioso, o seio direito dilatara de modo tão prepósteros que dava a impressão de que explodiria a qualquer momento, o lábio estava cortado e, além disso, havia algo errado com o maxilar, já que ela não conseguia engolir sem sentir pontadas de dor excruciantes. [...] Como a jovem sobreviveu, nunca vou saber. Bateram nela como se fosse uma escrava. Como se fosse uma cadela. Melhor relevar a violência em si e informar somente os danos infligidos: a clavícula, despedaçada; o úmero direito, fraturado em três pontos (ela nunca recuperaria a força nesse braço); cinco costelas, quebradas; rim esquerdo, inchado; fígado, lesionado; pulmão direito, em colapso; dentes da frente, arrancados. Uns 167 pontos de dano; foi apenas questão de sorte os filhos da mãe não terem partido o crânio da moça, embora sua cabeça tenha inchado, lembrando a do homem-elefante. Houve tempo para algum estupro? Creio que sim, porém, jamais saberemos, pois ela nunca fez comentários a respeito disso (DÍAZ, 2009, p.151-152).

Em *A fantástica vida breve de Oscar Wao* a ditadura também é personagem, cujo fantasma paira sobre todos. Existe um sistema político pelo qual é regido o país, e não apenas o ditador, mas seus súditos, que de alguma forma são coniventes, visto que todo governo precisa de apoiadores.

Pode-se caracterizar esse regime, do qual todos devem fugir, de acordo com Foucault, para o qual o poder é percebido no todo social e não restrito a um centro, daí a caracterização dessa sociedade. Segundo o autor:

Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que se podem exercer na sociedade. Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas: não a soberania em seu edifício único, mas as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social (FOUCAULT, 1984, p.181).

Cabe aqui citar como exemplo de apoio ao sistema o avô de Oscar, doutor Aberlard Luis Cabral, que por muito tempo, enquanto se beneficiava do governo, calou-se, fingia não perceber as barbaridades praticadas pelo Trujillato, até que *El Jefe* assediou sua filha mais velha, a qual Abelard recusou-se a entregar; desobediência que culminou tragicamente em sua

prisão, tortura e morte. Este sistema social, aplicado em detrimento da liberdade individual, oculta hierarquias de poder, cujas estruturas contaminam toda a sociedade, constituindo-se, pois, numa forma de expressão do poder político.

A respeito da figura de Rafael Leônidas Trujillo Molina, um dos mais despóticos ditadores da América latina e do século XX, o qual governou a República Dominicana por trinta e um anos, vale destacar que:

Também conhecido como El Jefe, Ladrão de gado Frustrado e Escroto, ele chegou a controlar quase todos os aspectos da vida econômica, social, cultural e política do país, por meio de uma mescla poderosa (e familiar) de violência, intimidação, massacre, estupro, cooptação e terror; tratava o país como se fosse uma colônia e ele, o senhor. À primeira vista, era apenas o prototípico caudilho latino-americano; no entanto, seu poder foi tão acachapante que poucos historiadores e escritores conseguiram de fato dimensioná-lo (DÍAZ, 2009, p.12).

Em *O álbum negro*, o preconceito é fator desencadeador de violência da parte ocidental. No trecho a seguir, pode-se notar claramente a forma indigesta como as pessoas, marginalizadas por sua condição social, tratam os muçulmanos na obra:

[...] Sharid gritou para a mulher: “Por que não deixa nossa gente em paz? Por acaso fizemos alguma coisa contra vocês? Fomos a sua casa para insultá-la, ou atirar pedras? Nós a obrigamos a morar neste prédio fedorento?”.

[...] A mulher, sem demonstrar temor, estendeu o pescoço e cuspiu na direção de Chad e Sharid. Mas a saliva caiu em cima da filha, sujando seu cabelo.

“Páqui, páqui, páqui”, gritava. Seu corpo se tornou uma coluna recurvada pela raiva, por cuja abertura superior jorravam ofensas. “Vocês roubaram nossos empregos! Nossas casas! Os páquis ficaram com tudo! Devolvam o que roubaram e voltem para casa!” (KUREISHI, 1997, p.147).

Nesse embate entre muçulmanos e não muçulmanos, onde todo maometano tem uma aparência árabe, estereotipada socialmente, há uma construção política e ideológica aceita por grande parte da cultura ocidental.

Ainda quanto à formação prévia de opinião a respeito dos povos orientais – afinal seriam todos, principalmente muçulmanos, sinônimo de

terror? – e do Outro – alguém a tolerar? - Edward Said, em seu livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, explana a partir de suas experiências que:

A vida de um árabe palestino no Ocidente, especialmente nos Estados Unidos, é desanimadora. Existe aqui um consenso quase unânime de que politicamente ele não existe e, quando é admitido que ele existe, é como um incômodo ou como um oriental. A teia de racismo, dos estereótipos culturais, do imperialismo político e da ideologia desumanizante que contém o árabe ou o muçulmano é realmente muito forte, e é esta teia que cada palestino veio a sentir como seu destino singularmente punitivo (SAID, 1990, p.38).

A partir dos textos analisados e das comparações estabelecidas, é possível concluir que há muito que investigar, discutir, esclarecer e avançar por meio de trabalhos que relacionem literatura e estudos culturais. Principalmente no que se refere a questões como ideologia, diversidade, identidade e alteridade, uma vez que nesse âmbito estão implicadas as relações de poder; não apenas emanadas de uma única fonte, mas o poder que se encontra disseminado e circulante na sociedade.

Assim sendo, pode-se perceber a importância da literatura enquanto espaço de trânsito de identidades em nome de determinada cultura e/ou ideologia e, de acordo com Sarlo (1991), que o discurso literário constitui o contramodelo formal do discurso autoritário favorecendo, por meio da exploração polissêmica do signo, a noção identitária; além disso, desfaz qualquer relação cristalizada entre discurso e realidade externa.

Bibliografia

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Mirian Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós-modernidade*. Tradução de Mauro e Cláudia Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARVALHAL, Tânia F. *Literatura Comparada*. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ática, 1998.

DÍAZ, Junot. *A Fantástica vida breve de Oscar Wao*. Tradução de Flávia Carneiro Anderson. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DUSCHATZKY, Sílvia & SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: Larrossa, Jorge & Skliar, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.119-138.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Marta Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

KUREISHI, Hanif. *O álbum negro*. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

JITRIK, Noé. Estudios culturales/estudios literarios. In: PEREIRA, Maria Antonieta & REIS, Eliana Lourenço de Lima (orgs.). *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, p.29-41.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SARLO, Beatriz. Literatura y autoritarismo. In: SARLO et al. *Autoritarismo*. Buenos Aires: Goethe, 1991.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: Edusc, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.